



Desenvolvimento da Agrobiodiversidade: Estudo Etnobotânico de Plantas Medicinais na Comunidade de Boa Esperança, no Município de São João de Pirabas, Pará

Carmen Célia Costa da Conceição¹, Milton Guilherme da Costa Mota¹, Joel Corrêa de Souza¹, Vanessa Melo de Freitas¹, Mateus Augusto de Carvalho Santana¹ e João Pedro Pinheiro Silva¹

Recebido em 24/05/2022 – Aceito em 30/12/2022

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia/UFRA. Brasil. <carmenceliac2@gmail.com, milton.mota@ufra.edu.br, joel.correa@ufra.edu.br, vanessafreitas.melo.1@gmail.com, ma1041578@gmail.com, jppinheiro1920@gmail.com>.

RESUMO – A agrobiodiversidade é resultante da relação entre o ser humano com o meio ambiente, aliando-se no desenvolvimento de uma comunidade juntamente com as pesquisas etnobotânicas, em que essas pesquisas auxiliam nos levantamentos de espécies para uso farmacêutico, além de questões culturais e econômicas da população. Objetivou-se realizar um estudo etnobotânico de plantas medicinais como parte do conceito de agrobiodiversidade, em uma comunidade de agricultores familiares e pescadores artesanais da Vila de Boa Esperança, no município de São João de Pirabas, Pará. Foram feitas entrevistas semiestruturadas e estruturadas, com a aplicação de questionários, além da observação sobre a flora local. Para a realização das estimativas, foi obtida a frequência de uso de cada espécie em ecossistemas de capoeiras e quintais, e agrupadas de acordo com a classificação de doenças da Organização Mundial da Saúde. Nos quintais, foram registradas 113 espécies medicinais distribuídas em 47 famílias botânicas. Nas capoeiras, foram registradas 50 espécies distribuídas em 25 famílias botânicas. O Pião branco obteve a maior frequência de uso nos quintais com 44,83%, e, nas capoeiras, o Barbatimão, Pau de cavalo e Verônica tiveram os mesmos valores de frequência, com 93,10%. A maioria das plantas utilizadas como medicamentos destinava-se para o tratamento de doenças infecciosas e parasitárias. As folhas foram a parte da planta mais usada como remédio. Dessa maneira, os estudos etnobotânicos tenderam a resgatar os conhecimentos da comunidade de Boa Esperança, e a conservar as espécies medicinais que se encontram em quintais e capoeiras, visando ao desenvolvimento sustentável da região.

Palavras-chave: Propriedades terapêuticas; frequência de uso; conservação; recursos naturais.

Development of Agrobiodiversity: Ethnobotanical Study of Medicinal Plants in the Community of Boa Esperança in the Municipality of São João de Pirabas, Pará

ABSTRACT – Agrobiodiversity is the result of the relationship between human beings and the environment, allied to the development of a community together with ethnobotanical research, in which these researches assist in the survey of species for pharmaceutical use, in addition to cultural and economic issues of the population. The objective was to carry out an ethnobotanical study of medicinal plants as part of the agrobiodiversity concept, in a community of family farmers and artisanal fishermen in Vila de Boa Esperança, in the municipality of São João de Pirabas, Pará. Semi-structured and structured interviews were carried out, with the application of questionnaires, in addition to the interviewee's observation of the local flora. To carry out the estimates, the frequency of use of each species in ecosystems of capoeiras and backyards was obtained, and grouped according to the classification of diseases of the World Health Organization. In the backyards, 113 medicinal species distributed in 47 botanical families were recorded. In the capoeiras, 50 species distributed in 25 botanical families were recorded. The white Pião obtained the highest frequency of use in backyards with 44.83%, and, in capoeiras, Barbatimão, Pau de horse and Verônica had the same frequency values with 93.10%. Most plants used as medicines were intended for the treatment of infectious and parasitic diseases. The leaves were the part of the plant most used as medicine. In this

way, ethnobotanical studies tended to rescue the knowledge of the community of Boa Esperança, and to conserve the medicinal species found in backyards and capoeiras, aiming at a sustainable development of the region.

Keywords: Therapeutic properties; frequency of use; conservation; natural resources.

Desarrollo de la Agrobiodiversidad: Estudio Etnobotánico de Plantas Medicinales en la Comunidad de Boa Esperança en el Municipio de São João de Pirabas, Pará

RESUMEN – La agrobiodiversidad es el resultado de la relación entre el ser humano y el medio ambiente, aliándose en el desarrollo de una comunidad junto con la investigación etnobotánica, en la que estas investigaciones ayudan en el relevamiento de especies de uso farmacéutico, además de cuestiones culturales y económicas de la población. El objetivo fue realizar un estudio etnobotánico de plantas medicinales como parte del concepto de agrobiodiversidad, en una comunidad de agricultores familiares y pescadores artesanales en Vila de Boa Esperança, en el municipio de São João de Pirabas, Pará. Se realizaron entrevistas semiestructuradas y estructuradas, con aplicación de cuestionarios, además de observación de la flora local. Para realizar las estimaciones se obtuvo la frecuencia de uso de cada especie en ecosistemas de capoeiras y traspatio, y se agruparon según la clasificación de enfermedades de la Organización Mundial de la Salud. En traspacios se registraron 113 especies medicinales distribuidas en 47 familias botánicas. En capoeiras se registraron 50 especies distribuidas en 25 familias botánicas. La mayoría de las plantas utilizadas como medicinas estaban destinadas al tratamiento de enfermedades infecciosas y parasitarias. Las hojas eran la parte de la planta más utilizada como medicina. De esta forma, los estudios etnobotánicos tendieron a recuperar el conocimiento de la comunidad de Boa Esperança, y a conservar las especies medicinales que se encuentran en los traspacios y capoeiras, visando el desarrollo sustentable de la región.

Palabras clave: Propiedades terapéuticas; frecuencia de uso; conservación; recursos naturales.

Introdução

A agrobiodiversidade consiste na interação do ser humano e as espécies vegetais, em uma determinada condição ambiental, na qual essas espécies podem servir como forma de alimentos, produtos para fins terapêuticos e outros oriundos da matéria prima (Polesi et al., 2017).

A relação entre pessoas e plantas é bastante observada em povos e comunidades tradicionais, pois, além de protegerem os seus territórios e os recursos naturais, com o seu conhecimento contribuem para a descoberta de novos medicamentos, cosméticos entre outros produtos. Além disso, a agrobiodiversidade faz parte do sistema agrícola, aliando a conservação e o manejo do solo com o desenvolvimento sustentável, podendo-se adequar às comunidades tradicionais com o objetivo de ajudá-las em seu desenvolvimento local (Duarte e Pasa, 2016; Conway, 1987; Santos, 1996).

Os estudos etnobotânicos são outro fator que contribui para o desenvolvimento de uma localidade, pois visam promover o reconhecimento do saber local e buscam estratégias que possibilitem

a aproximação dos saberes científicos com os saberes das comunidades, contribuindo para o desenvolvimento de escolhas sustentáveis de uso e manutenção de recursos naturais (Strachulski e Floriani, 2013). Um estudo de Cajaiba et al. (2016) mostrou que a pesquisa etnobotânica torna-se uma oportunidade de adquirir uma diversidade de informações de cunho etnográfico e futuros recursos biológicos, como, por exemplo, a bioprospecção de novos fármacos ou o manejo de áreas de conservação.

Além disso, a etnobotânica abrange o estudo das plantas medicinais, por ser um estudo sobre o conhecimento da flora de uma região, que se preocupa com os indivíduos e os seus saberes, agrupando informações dos povos tradicionais que mantiveram associações com os vegetais e com os elementos culturais de um povo (Siqueira e Pereira, 2014).

O Brasil, por sua biodiversidade, é um berço de espécies nativas e exóticas com propriedades terapêuticas, sendo de grande importância a realização de estudos para se conhecer o maior número possível de espécies e sua aplicabilidade na área da saúde (Sobrinho



et al., 2017). A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a relevância dos trabalhos etnobotânicos, que mostram o uso tradicional de espécies medicinais nos mais diversos tipos de enfermidades, incentivando as comunidades a identificarem suas próprias tradições em relação às terapias, explorando práticas seguras e eficazes para posterior utilização em cuidados primários de saúde (Scardelato et al., 2013).

Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo realizar um estudo etnobotânico de plantas medicinais como parte do conceito de agrobiodiversidade, em uma comunidade de agricultores familiares e pescadores artesanais da vila de Boa Esperança, no município de São João de Pirabas, no Pará.

Material e Métodos

O estudo foi realizado na vila de Boa Esperança, localizada no município de São João de Pirabas, microrregião do salgado, nordeste paraense, delimitada pelas coordenadas geográficas 0°44'40''S e 47°10'35' W. O município possui uma população de 20.647 pessoas, com uma densidade demográfica de aproximadamente 29,26 hab/km² (IBGE, 2010). O clima, com base no sistema de Köppen, é da classe A (Awi). A precipitação pluviométrica compreende valores elevados, em torno de 3.543 mm. A temperatura média anual está em torno de 27,7°C e, ao longo do ano, varia de 26,8 a 28,0°C. As coletas dos dados foram feitas no período de julho/2004 a agosto/2006.

Para a obtenção dos dados etnobotânicos, foram entrevistadas as 29 famílias que compunham a comunidade. A maioria das entrevistas foi feita com o casal (65,5%) e, quando incompleta, só com o homem (7,0%) ou só com a mulher (27,5%). No total, foram entrevistados 25 homens e 26 mulheres. Entre os entrevistados estavam quatro pessoas (dois homens e duas mulheres) que foram consideradas informantes-chave devido ao conhecimento que possuíam da flora local.

As entrevistas foram feitas de forma semiestruturada e estruturada, com a aplicação de questionários, além das informações obtidas pela observação do entrevistado da flora local. As coletas de informações, de dados e de material botânico, bem como as análises, foram realizadas conforme Martin (2001), Cunningham (2001), e

Albuquerque e Lucena (2004).

Durante o trabalho detectaram-se as seguintes unidades de ecossistemas com a presença de plantas medicinais, que são os quintais e as capoeiras. As exsiccatas do material botânico foram identificadas por especialistas do Herbário da Embrapa Amazônia Oriental, onde foram catalogadas e depositadas.

As espécies medicinais utilizadas pela comunidade com fins terapêuticos, além de serem indicadas para as doenças mais comuns entre a população – como a diabetes, hipertensão dentre outras doenças –, também são utilizadas para algumas doenças que são características da comunidade estudada. As indicações foram agrupadas com base na classificação das doenças proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2000).

Para se estimar a frequência de uso para cada espécie citada pelos informantes-chave e pela comunidade em geral, dentro de cada unidade de ecossistemas tomou-se uma amostra das 29 famílias e utilizou-se a fórmula adaptada de Phillips e Gentry (1993) para realizar as estimativas:

$$FU_{sp} = \sum U_{spi} / n_s$$

Em que, FU_{sp} é a frequência de uso de cada espécie em cada ecossistema estudado, $\sum U_{spi}$ é a somatória do número de citações e/ou registros por informante i para a espécie sp , e n_s o número total de informantes ($n_s = 29$). Desta forma, o valor de FU_{sp} variará de 0 a 1, podendo ser expresso em valor relativo.

Resultados e Discussão

Na comunidade constatou-se uma diversidade de espécies medicinais que são cultivadas nos quintais das famílias. Essa diversidade de espécies medicinais também foi observada pelos povos tradicionais do estado do Amazonas, sendo bastante preservadas, cultivadas e utilizadas para tratamentos e curas de doenças da comunidade (Dário e Sandrini, 2021).

Nos quintais avaliados, foram registradas 113 espécies medicinais distribuídas em 47 famílias botânicas (Tabela 1), das quais 14,16% são nativas e 85,84% são exóticas. Berg e Silva

(1986a), no estado do Maranhão, encontraram 113 espécies distribuídas em 58 famílias; e, no estado do Amazonas, Berg e Silva (1986b) registraram 122 espécies e 60 famílias. Comparando as listas de espécies apresentadas por esses autores com a produzida por esta pesquisa, verificou-se que 33 espécies tinham registro somente em Boa Esperança.

As informações sobre a identificação das espécies e a frequência de uso das plantas medicinais podem ser encontradas na Tabela 1. Neste trabalho, o número de citações e/ou de registros traduz a frequência de uso de uma determinada espécie.

Nenhuma espécie nesta pesquisa foi citada e/ou registrada por 100% dos informantes, e os maiores valores de frequência de uso não ultrapassaram 45% (Tabela 1). As espécies com maior frequência de uso foram pião branco (44,83%), arruda (31,03%), capim santo (31,03%), erva cidreira (31,03%), pariri (27,59%), anador (24,14%) e mastruço (24,14%) (Tabela 1). Essas

espécies também foram introduzidas na Amazônia e mencionadas por Pereira e Coelho (2017). À exceção do mastruço (ciclo curto e herbácea), as demais são perenes, sendo: pião branco (arbusto), arruda (herbácea), capim santo (herbácea), erva cidreira (subarbusto), pariri (subarbusto) e anador (subarbusto).

Dessas espécies, somente a arruda é tida como de proteção dos povos nativos, mas também é usada como planta medicinal, segundo Pedro et al. (2016). As seguintes espécies da Tabela 1 também são consideradas como de proteção: alecrim d'angola, cipó d'alho, limão galego, malva rosa, mukuracaá, pau d'angola, pião caboco, pião roxo, vassorinha de benzer e vindicá. O pião branco, também conhecido como pinhão manso, possui elevado teor de óleo e, por conta disso, está sendo recomendado para extração de óleo vegetal visando à produção de biodiesel (Nunes, 2008). Outras espécies têm potencial visível para serem utilizadas em sistemas de produção, tais como: andiroba, sacaca, babosa, pripioca, patchouli, oriza etc.

Tabela 1 – Espécies medicinais encontradas nos quintais de Boa Esperança, São João de Pirabas/PA, 2005/2006.

Nome popular	Nome científico	Família	Nº de citações	FUsp	FUsp%
Abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	1	0,0345	3,45
Açucena	<i>Hippeastrum reginae</i> (L.) Herb.	Amaryllidaceae	1	0,0345	3,45
Ajirú	<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	Chrysobalanaceae	1	0,0345	3,45
Alecrim d'angola	<i>Vitex agnus-cactus</i> L.	Verbenaceae	2	0,0690	6,90
Alfavaca japonesa	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Lamiaceae	5	0,1724	17,24
Alfavaquinha	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	4	0,1379	13,79
Algodão	<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Malvaceae	4	0,1379	13,79
Algodão de seda	<i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton	Asclepiadaceae	3	0,1034	10,34
Algodão roxo	<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Malvaceae	3	0,1034	10,34
Amor crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	Portulacaceae	3	0,1034	10,34
Anador	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Lamiaceae	7	0,2414	24,14
Anajai	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	Iridaceae	5	0,1724	17,24
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aublet	Meliaceae	4	0,1379	13,79
Andiroba-jarabu	<i>Andira retusa</i> (Lam) H. B. K.	Fabaceae	1	0,0345	3,45
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	9	0,3103	31,03
Babosa	<i>Aloe barbadensis</i> L.	Liliaceae	6	0,2069	20,69
Batató	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Farwel	Convolvulaceae	1	0,0345	3,45
Boldinho	<i>Plectranthus neochilus</i> Schlechter	Lamiaceae	2	0,0690	6,90
Boldo africano	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Compositae	1	0,0345	3,45



Nome popular	Nome científico	Família	Nº de citações	FUsp	FUsp%
Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	1	0,0345	3,45
Camapú	<i>Physalis angulata</i> L.	Solonaceae	1	0,0345	3,45
Canaranã	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Zingiberaceae	2	0,0690	6,90
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Lauraceae	2	0,0690	6,90
Capim marinho miúdo	Sem identificação	Apiaceae	2	0,0690	6,90
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Poaceae	9	0,3103	31,03
Cariru	<i>Talinum patens</i> (Jacq.) Willd.	Portulacaceae	1	0,0345	3,45
Carmelitana	<i>Lippia citriodora</i> A. DC.	Verbenaceae	1	0,0345	3,45
Cebola bulbo	<i>Hippeastrum puniceum</i> (Lam.) Kuntze	Amaryllidaceae	1	0,0345	3,45
Chicória	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae	1	0,0345	3,45
Cibalena	Sem identificação	Verbenaceae	1	0,0345	3,45
Cipó d'alho	<i>Adenocalymna alliaceum</i> Mart.	Bignoniaceae	3	0,1034	10,34
Cipó pucá	<i>Cissus sicyoides</i> L.	Ampelidaceae	3	0,1034	10,34
Coco pingo de ouro	<i>Cocos nucifera</i> L.	Arecaceae	1	0,0345	3,45
Coramina	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> Poit	Euphorbiaceae	4	0,1379	13,79
Coramina rajada	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> Poit	Euphorbiaceae	1	0,0345	3,45
Cravo de defunto	<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae	5	0,1379	13,79
Crista de galo	<i>Celosia argentea</i> L.	Amaranthaceae	1	0,0345	3,45
Cuieira	<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae	1	0,0345	3,45
Elixir paregórico	<i>Piper callosum</i> H.B.K.	Piperaceae	6	0,2069	20,69
Embauba branca	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Cecropiaceae	2	0,0690	6,90
Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill) N. E. Br.	Verbenaceae	9	0,3103	31,03
Erva de passarinho	<i>Phthyrusa theobromae</i> Baill.	Lorantaceae	2	0,0690	6,90
Erva Lombriqueira	<i>Spigelia anthelmia</i> L.	Loganiaceae	1	0,0345	3,45
Esqueleto	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Euphorbiaceae	1	0,0345	3,45
Estutuque	<i>Achyrocline satureioides</i> L.	Asteraceae	1	0,0345	3,45
Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Caesalpinioideae	1	0,0345	3,45
Gengibre	<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	Zingiberaceae	5	0,1724	17,24
Gergelim preto	<i>Sesamum indicum</i> L.	Pedaliaceae	1	0,0345	3,45
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	1	0,0345	3,45
Hortelã de panela	<i>Mentha x piperita</i> L.	Lamiaceae	4	0,1379	13,79
Hortelã miúdo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae	2	0,0690	6,90
Jambu	<i>Spilanthes oleraceae</i> L.	Asteraceae	2	0,0690	6,90
Japana branca	<i>Eupatorium triplinerve</i> Vahl.	Asteraceae	4	0,1379	13,79
Japana roxa	<i>Eupatorium triplinerve</i> Vahl.	Asteraceae	3	0,1034	10,34
Jiló amarelo	Não identificado	Solanaceae	1	0,0345	3,45
Juca	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Caesalpinaceae	1	0,0345	3,45
Laranja da terra	<i>Citrus aurantium</i> L.	Rutaceae	1	0,0345	3,45
Lima	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Rutaceae	1	0,0345	3,45



Nome popular	Nome científico	Família	Nº de citações	FUsp	FUsp%
Limão galego	<i>Citrus limón</i> (L.) Burm. f.	Rutaceae	1	0,0345	3,45
Língua de vaca	<i>Elephantopus scaber</i> L.	Asteraceae	2	0,0690	6,90
Losna	<i>Ambrosia artemisiifolia</i> L.	Asteraceae	1	0,0345	3,45
Malva rosa	<i>Pelargonium zonale</i> L'Herit	Geraniaceae	4	0,1379	13,79
Malvarisco	<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq	Piperaceae	1	0,0345	3,45
Mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae	3	0,1034	10,34
Mandacaru	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactaceae	1	0,0345	3,45
Manjerição	<i>Ocimum minimum</i> L.	Lamiaceae	5	0,1724	17,24
Manjerição roxo	<i>Ocimum brasiliensis</i> L.	Lamiaceae	1	0,0345	3,45
Mangueira (casca)	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	1	0,0345	3,45
Manjerioba	<i>Senna occidentalis</i> (Linn.) Link.	Caesalpinioideae	1	0,0345	3,45
Manjerona	<i>Majorana hortensis</i> Moench	Lamiaceae	3	0,1034	10,34
Mastruço	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	7	0,2414	24,14
Monja-senhor	Não identificado		1	0,0345	3,45
Mucuracaá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	3	0,1034	10,34
Mudubim	<i>Arachis hypogaea</i> L.	Fabaceae	1	0,0345	3,45
Mulatinha	<i>Aeolanthus suaveolens</i> Mart ex K. Spreng	Lamiaceae	4	0,1379	13,79
Murtinha branca	<i>Myrcia bracteata</i> (Rich.) DC.	Myrtaceae	2	0,0690	6,90
Oriza	<i>Pogostemon patchouly</i> Pellet	Lamiaceae	5	0,1724	17,24
Palma	<i>Opuntia dillenii</i> Haw	Cactaceae	1	0,0345	3,45
Pariri	<i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) Verlot	Bignoniaceae	8	0,2759	27,59
Patchouli	<i>Vetiveria zizanioides</i> Stapf.	Poaceae	3	0,1034	10,34
Pau d'angola	<i>Piper arboreum</i> Ruiz et Pav.	Piperaceae	1	0,0345	3,45
Pega rapaz	Não identificado		1	0,0345	3,45
Perpetua Roxa	<i>Gomphrena globosa</i> L.	Amaranthaceae	2	0,0690	6,90
Pião branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	13	0,4483	44,83
Pião caboclo	<i>Jatropha multifida</i> L.	Euphorbiaceae	2	0,0690	6,90
Pião roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae	2	0,0690	6,90
Pimenta malagueta	<i>Capsicum baccatum</i> L.	Solanaceae	1	0,0345	3,45
Pluma	Não identificada		1	0,0345	3,45
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae			
Priprioca	<i>Cyperus articulatus</i> L.	Cyperaceae	1	0,0345	3,45
Pripricão	<i>Cyperus prolixus</i> H.B.K.	Cyperaceae	1	0,0345	3,45
Quebra pedra	<i>Phyllanthus cf. niruri</i> L.	Euphorbiaceae	1	0,0345	3,45
Rinchão	<i>Starchytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Verbenaceae	1	0,0345	3,45
Sacaca ou cajuçara	<i>Croton cajuçara</i> Benth.	Euphorbiaceae	1	0,0345	3,45
São Raimundo	<i>Briophyllum calicinum</i> Salisb.	Crassulaceae	5	0,1724	17,24
Saracurinha	<i>Alternanthera ficoidea</i> R. Br.	Amaranthaceae	1	0,0345	3,45
Sucubeira	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce ex Muell. Arg.) Woodson	Apocinaceae	1	0,0345	3,45



Nome popular	Nome científico	Família	Nº de citações	FUsp	FUsp%
Sucuriçu	<i>Cissampelos</i> sp.	Minispeermaceae	1	0,0345	3,45
Taperebazeiro (casca)	<i>Spondias mombin</i> L.	Anacardiaceae	1	0,0345	3,45
Terramicina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze.	Amaranthaceae	2	0,0690	6,90
Trevo roxo	<i>Hyptis atrorubens</i> Poit.	Lamiaceae	3	0,1034	10,34
Vassorinha de benzer	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae	3	0,1034	10,34
Vassorinha de botão	<i>Spermacoce verticillata</i> L.	Rubiaceae	3	0,1034	10,34
Vick (menta)	<i>Mentha arvensis</i> L.	Lamiaceae	2	0,0690	6,90
Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Malvaceae	1	0,0345	3,45
Vinagreira branca	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Malvaceae	2	0,0690	6,90
Vinagreira do talo roxo	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Malvaceae	1	0,0345	3,45
Vinagreira roxa	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Malvaceae	3	0,1034	10,34
Vindicá	<i>Alpinia zerumbert</i> (Pers.) B.L. Burt. & R.M. Sm.	Zingiberaceae	1	0,0345	3,45
Ucuuba	<i>Virola surinamensis</i> (Rol.) Warb.	Myristicaceae	2	0,0690	6,90
Urubu-caa	<i>Casearia javitensis</i> H.B.K.	Flacortiaceae	1	0,0345	3,45
Urucu	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	1	0,0345	3,45

Do total de 113 espécies medicinais existentes nos quintais, 65 foram indicadas como remédio no uso terapêutico em 47 doenças envolvendo as diferentes categorias de afecções do organismo (Tabela 2). A importância das espécies medicinais em quintais para o uso de tratamentos de doenças também foi registrada por Pasa et al. (2005) ao estudar plantas medicinais dos quintais na comunidade de Conceição-Açu, quando fez referência de 35 espécies no tratamento de 30 doenças.

Segundo as famílias entrevistadas, as folhas foram consideradas a parte da planta mais usada como remédio; porém, outras foram utilizadas, tais como, rizomas, raízes, bulbos, cascas, flores, frutos e sementes. Entre as formas de preparo predominou o chá; entretanto, outras formas foram relatadas, como macerados, sumos, óleo e tinturas. Essas mesmas características de uso de

plantas medicinais foram encontrados por Oliveira e Lucena (2015), em seus estudos com moradores no município de Quixadá-Ceará, em que as partes das plantas utilizadas pelos entrevistados foram principalmente as folhas, representando 89,4% das citações, seguidas de caules, flores, sementes, frutos e raízes, e além disso, o chá como a principal forma de preparo para uso medicinal pelos moradores.

Verificou-se que as plantas usadas como remédio destinavam-se, em maior parte, para o tratamento de problemas relacionados a doenças infecciosas e parasitárias, doenças do aparelho genito-urinário, doenças do aparelho respiratório, doenças do aparelho circulatório, doenças do sistema nervoso, doenças do aparelho digestivo, doenças da pele ou do tecido subcutâneo e doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo (Tabela 2 e 5).

Tabela 2 – Relação entre as categorias de afecções orgânicas, as espécies medicinais cultivadas nos quintais como remédio e seus usos. Boa Esperança, São João de Pirabas/PA, 2005/2006.

Categorias	Espécies	Usos
Doenças do sistema nervoso	Capim santo, oriza, erva cidreira, hortelã de panela, reira, vindicá, malva rosa, babaçu, cravo de defunto, maravuvuia mirim, caroço do tucumã	Ansiedade, agitação, fraqueza da cabeça
Doenças do aparelho digestivo	Boldo, amor crescido, anador, canela, elixir paregórico, hortelã de panela	Digestão, dor de estômago, dor de barriga, azia, mal-estar, fígado, ânsia de vômito
Doenças do aparelho respiratório	Algodão roxo, chicória, gengibre, hortelã da folha grossa, hortelã miúdo, japana branca, juca, jutai, japana branca, amapá, mastruço, patchouli	Gripe, resfriado, sinusite
Doenças do aparelho circulatório	Cipó puçá, coramina, cravo de defunto, gergelim preto, mulatinha, oriza, vindica, batatão, ajirú, pariri, saracurinha, massaranduba	Pressão alta, sangue grosso, hemorróida, limpar o sangue, anemia, hemorragia
Doenças do aparelho genito-urinário	Abacateiro, alfavaquinha, arruda, canarana, chicória, mandacaru, murtinha branca, pariri, quebra pedra, sucuriçu, terramicina, barbatimão, verônica, unha de gato, uxi	Diurético, inflamação dos ovários, útero, bexiga, urina, menstruação, menopausa
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	Babosa, laranja da terra, limão galego, são Raimundo, vassorinha de benzer	Coceiras, alergia, manchas
Doenças infecciosas e parasitárias	Terramicina, andiroba-jaruba, erva lombrigueira, ajiru mamona, mastruço, perpetua roxa, trevo-roxo, verônica, succuuba, apio, barbatimão, vinagreira roxa, maravuvuia mirim, tapirica, são raimundo, anajai	Vermes, infecção intestinal, diarreia, erisipela, fungo, amidalite, ameba
Traumatismo	Apui, mastruço, babosa, coramina rajada, catigia, visqueiro, veronica	Osso quebrado, golpe, baque, queimadura, ferrada de peixe
Dor de cabeça	Açucena, japana branca, alecrim d'angola, arruda, mulatinha, cuieira, capitiu, buiuçu, cibalena	Sintoma de várias doenças
Doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo	Andiroba, gengibre, mucuracá	Reumatismo, energético

Os tipos de espécies usadas para os tratamentos das doenças (Tabela 2) difere do quadro de tratamentos encontrados por Pasa et al. (2005) na comunidade de Conceição-Açu, mostrando que essa diferença pode estar relacionada aos hábitos da cultura local. Pasa et al. (2005) verificaram que, na comunidade de Conceição-Açu, as plantas usadas como remédio destinavam-se, em maior uso, para as doenças do aparelho digestivo do que para as doenças infecciosas e parasitárias.

Na comunidade de Boa Esperança, também foram registradas as espécies medicinais encontradas nas capoeiras, que são extensões dos quintais para a população. Observou-se que são importantes tanto para a oferta de produtos para as famílias, como para a manutenção da biodiversidade local, sendo depositárias de representantes da flora e da fauna nativa. Essa importância também pode ser vista por Ferreira

(2000), em seu estudo na comunidade pesqueira do litoral paraense, em que observou que florestas secundárias (capoeiras) em estágios de sucessão mais avançados são frequentemente visitadas pelos moradores, além de fornecerem frutos e plantas medicinais.

Pelos entrevistados da comunidade, foi identificado um total de 50 espécies medicinais, representadas por 25 famílias botânicas. Com relação às informações retiradas dos 4 informantes-chave, foi identificado um total de 53 espécies, representadas por 36 famílias botânicas, para o uso de remédios, com hábito de crescimento variando de plantas herbáceas até árvores (Tabela 3).

O conhecimento dos informantes-chave na capoeira contribuiu para a identificação de mais espécies úteis do que as identificadas por outros entrevistados da comunidade, distribuídas num

maior número de famílias e com predominância de plantas medicinais. Essa diversidade de plantas encontrada na capoeira pode estar relacionada com a sua idade, visto que em um estudo realizado por Ana Lúcia et al. (2007) observou-se que, com o monitoramento durante cinco anos de medições entre duas capoeiras com idades de 34 e 44 anos, obteve-se um número de 110 e 142 espécies, respectivamente.

Os maiores valores de frequência de uso registrados de espécies medicinais encontradas nas capoeiras atingiram 93,10% (Tabela 4). Considerando-se as espécies com frequência de uso acima de 27,59%, as espécies mais importantes pela ordem decrescente de citação

foram Barbatimão, Pau de Cavalo, Verônica, Sucuuba, Unha de Gato e Amapá. À exceção do Pau de Cavalo, todas são muito conhecidas e empregadas na fitoterapia da Amazônia (Vieira, 1991).

A diversidade de espécies medicinais nas capoeiras é constituída por 50 espécies distribuídas em 25 famílias botânicas (Tabela 4). Entre essas espécies, somente o Melão de São Caetano é exótica, as demais são nativas. Do total de espécies, 12 têm sido comumente citadas na fitoterapia da Amazônia (Vieira, 1991); a Andiroba (*Carapa guianensis*) alcança preço local de R\$ 10,00 por litro de óleo; e o Capitiu (*Siparuna guianensis*) vem despertando interesse comercial.

Tabela 3 – Espécies para diferentes categorias de uso (A: alimento; R: remédio; M: madeira; Ot: outros) identificadas nas capoeiras de Boa Esperança, segundo os informantes-chave. São João de Pirabas/PA, 2005/2006.

Nome científico	Família	Nome popular	Categoria de uso	Hábito
<i>Arrabidaea cinnamomea</i> (DC.) Sandw.	Bignoneaceae	abuta grande	R	Cipó
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Aracaceae (Palmae)	açaí	A, R, M	Árvore
<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	Chrysobalanaceae	ajirú da praia	A, R	Arbusto
<i>Parahancomia amapá</i> (Huber) Ducke	Apocynaceae	amapá	R	Árvore
<i>Eugenia cumini</i> (L.) Druce	Myrtaceae	ameixeira do pará	A, R	Árvore
<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Meliaceae	andiroba	R, M	Árvore
<i>Andira retusa</i> (Lam) H. B. K.	Fabaceae	andiroba jaruba ou lombrigueira	R	Árvore
<i>Parkia pendula</i> Benth. Ex Walp.	Mimosaceae	angelim pedra	M, R	Árvore
<i>Licania macrophylla</i> Benth.	Chrysobalanaceae	anuerá	R, M	Árvore
<i>Agonandra brasiliensis</i> Miens ex Benth	Opiliaceae	apio	R, Ot	Árvore
<i>Ficus guianensis</i> Desv. Ex Ham.	Moraceae	apuí	R	Cipo
<i>Cordia nodosa</i> Lamarck	Boraginaceae	aracatinga	R	Arbusto
<i>Orbignya phalereta</i> Mart.	Arecaceae	babaçu	Ot, R	Árvore
<i>Ouratea microdonta</i> (Dalz) Engl.	Ochnaceae	barbatimão	R	Árvore
<i>Maytenus myrcinoides</i> Reissek.	Celastraceae	barbatimão	R	Árvore
<i>Protium hepetaphyllum</i> (Aubl.) March.	Burseraceae	breu branco	R, M, Ot	Árvore
<i>Ormosia coutinhoi</i> Ducke	Fabaceae	buiuçu mirim	R, M	Árvore
<i>Arrabidaea cinnamomea</i> (DC) Sandw	Bignoniaceae	butarana	A, R	Cipo
<i>Psychotria barbiflora</i> DC.	Rubiaceae	caamembeca	R	Subarbusto
<i>Cordia multispicata</i> Cham.	Boraginaceae	caruca ou maria preta	R	Arbusto
<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Lecythidaceae	castanha de sapucaia	A, R, M	Árvore
<i>Ficus catappifolia</i> Kunth & Bouché ex Kunth	Moraceae	caxinguba	R	Árvore
<i>Clusia grandiflorum</i> Splits.	Clusiaceae	ceboleira	R, Ot	Árvore
Não identificado		cipó tiquira	R	Cipó

Nome científico	Família	Nome popular	Categoria de uso	Hábito
<i>Copaifera martii</i> Hayne	Caesalpiniaceae	copaíba	R, M	Árvore
<i>Duoclea virgata</i> (Rich) Amsh.	Fabaceae	cordão de vila	R, Ot	Cipó
<i>Solanum asperum</i> Rich	Solanaceae	cujucara ou cega burro	R, Ot	Arbusto
<i>Cecropia palmata</i> Willd.	Cecropiaceae	embauba branca	R, Ot	Árvore
<i>Securidaea bialata</i> Benth.	Polygalaceae	emburate (mato invasor)	R, Ot	Subarbusto
<i>Phoradendron pteroneurum</i> Eichler.	Loranthaceae	erva de passarinho	R	Cipó
<i>Bauhinha coronata</i> Benthham	Caesalpiniaceae	escada de jabuti ou jabutimutá	R, Ot	Cipó
<i>Matayba arborea</i> (Aubl) Radlk	Sapindaceae	espeturana	R, Ot	Árborea
<i>Justicia</i> sp.	Acanthaceae	eucalipto de jardim	R, Ot	Subarbusto
<i>Piper ottonoides</i> Yuncck	Piperaceae	jambú açú	R	Subarbusto
<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	jenipapo	A, R, Ot, M	Árvore
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Caesalpiniaceae	jutaí ou jatobá	A, R, M	Árvore
<i>Platymiscium filipes</i> Benth.	Fabaceae	macacauba	R, M	Árvore
<i>Cereus</i> sp.	Cactaceae	mandacaru	R	Arbusto
<i>Croton matonensis</i> Aubl	Euphorbiaceae	maravuvuia	R, M	Árvore
<i>Manilkara triflora</i> (F. Allemão)	Sapotaceae	massaranduba	R, M	Árvore
<i>Manilkara triflora</i> (F. Allemão)	Sapotaceae	massaranduba	R, M	Árvore
<i>Siparuna guianensis</i> Aube	Monimiaceae	mucuracaá	R	Arbusto
<i>Brosimum acutifolium</i> Hub.	Moraceae	mururé	R	Árvore
<i>Connarus angustifolius</i> (Radlkofer) G. Schellend.	Connaraceae	pau de cavalo	R	Árvore
<i>Hibanthus ipecacuanha</i> Baill	Violaceae	pecaconha	R	Arbusto
<i>Eugenia puniceifolia</i> (H.B.K.) DC	Myrtaceae	pedra-ume-caá	R	Arbusto
<i>Eugenia puniceifolia</i> (H. B. K. P) DC.	Myrtaceae	pimentão do mato	R	Subarbusto
<i>Tabemaemontana angulata</i> C. Martius ex Muell. Arg.	Apocynaceae	pocoro	R, Ot	Arbusto
<i>Pogonophora schomburgiana</i> Miers ex Beuth	Euphorbiaceae	pocoró	R	Subarbusto
<i>Conyza bonariensis</i> (L) Cronq.	Asteraceae	rabo de raposa	R	Arbusto
<i>Stachytarpheta cayennensis</i>	Verbenaceae	rinchão	R	Subarbusto
<i>Manilkara</i> sp.	Sapotaceae	sarandubim	R	
<i>Justicia leucophoa</i> DC (Nees) Nassh	Acanthaceae	sonrizal ou sulfato ferroso	R	Subarbusto
<i>Cissampelos</i> sp.	Minispeermaceae	sucuriçu	R	Cipó
<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce ex Muell. Arg.) R.E. Wood	Apocynaceae	sucuuba	R	Árvore
<i>Chelonanthus alatus</i> Aubl.	Grentianaceae	tabacarana	R	Subarbusto
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Apocinaceae	tapiririca	R, Ot	Subarbusto
<i>Justicia</i> sp.	Acanthaceae	trevo cumaru	R	Árvore
<i>Casearia javitensis</i> H.B.K.	Flacourtiaceae	urubucaa do mato	R	Cipó
<i>Virola surinamensis</i> (Rol.) Warb.	Miristicaceae	ucuuba ou virola	R, M	Árvore
<i>Machaerium ferox</i> (Marte x Benth.) Ducke	Fabaceae	unha-de-gato	R	Cipó
<i>Dalbergia ecastophyllum</i> Duckl	Papilionoideae	verônica branca	R	Árvore
<i>Stryphnodendron purpureum</i> Ducke.	Mimoraceae	visgueiro	R, Ot	Árvore

Tabela 4 – Espécies medicinais encontradas nas capoeiras de Boa Esperança, segundo informantes da comunidade. São João de Pirabas/PA, 2005/2006.

Nome popular	Nome científico	Família	Nº de citações	FUsp	FU (%)
Amapá	<i>Parahancomia amapá</i> (Huber) Ducke	Apocynaceae	8	0,2759	27,59
Ananim	<i>Symphonia globulifera</i> B. Maguire	Apocynaceae	2	0,0690	6,90
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aublet	Meliaceae	4	0,1379	13,79
Anuerá	<i>Licania macrophylla</i> Benth.	Chrysobalanaceae	2	0,0690	6,90
Apio	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth		2	0,0690	6,90
Apui	<i>Ficus guianensis</i> Desv. Ex Ham.	Moraceae	1	0,0345	3,45
Babaçu	<i>Orbignya phalereta</i> Mart.	Areaceae	1	0,0345	3,45
Barbatimão	<i>Ouratea microdonta</i> (Dalz) Engl. <i>Maytenus myrcinoides</i> Reissek.	Ochnaceae Celastraceae	27	0,9310	93,10
Batatão	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Farwel	Convolvulaceae	5	0,1724	17,24
Breu	<i>Protium hepetaphyllum</i> (Aubl.) March.	burseraceae	1	0,0345	3,45
Buiuçu mirim	<i>Ormosia coutinhoi</i> Ducke	Fabaceae	2	0,0690	6,90
Cajuaçu	<i>Anacardium giganteum</i> L.	Anacardiaceae	1	0,0345	3,45
Copaiba	<i>Copaifera martii</i> Hayne	Caesalpinaceae	4	0,1379	13,79
Capitui	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Monimiaceae	1	0,0345	3,45
Catigia	Não identificada		1	0,0345	3,45
Cipó de canoinha	Não identificada		1	0,0345	3,45
Cipó de caranguejo	Não identificada		1	0,0345	3,45
Cipó de flor roxa	Não identificada		1	0,0345	3,45
Cipó jabutimuta	<i>Bauhinia coronata</i> Benthham	Caesalpinaceae	2	0,0690	6,90
Cipó de macaco	Não identificada		1	0,0345	3,45
Castanha de sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Lecythidaceae	1	0,0345	3,45
Envira mata	<i>Guatteria paraensis</i> R.E. Fries	Annonaceae	1	0,0345	3,45
Erva de passarinho	<i>Phoradendron pteroneurum</i> Eichler.	Loranthaceae	1	0,0345	3,45
Ervão cumaru	Não identificada		1	0,0345	3,45
Ingá pretinho	<i>Inga heterophylla</i> Willd.	Mimosoideae	1	0,0345	3,45
João-caá ou pimenta lagarto	Não identificada		1	0,0345	3,45
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Caesalpinaceae	2	0,0690	6,90
Juquiri (cipo espinho)	Não identificada		1	0,0345	3,45
Jutaí	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Caesalpinaceae	2	0,0690	6,90
Lacreiro	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	Clusiaceae	1	0,0345	3,45
Mamãozinho do mato	Não identificada		1	0,0345	3,45
Massaranduba	<i>Manilkara triflora</i> (F. Allemão)	Sapotaceae	2	0,0690	6,90
Maravuvuia	<i>Croton matonensis</i> Aubl	Euphorbiaceae	7	0,2414	24,14
Maravuvuia mirim	<i>Cróton cajucara</i> Benth.	Euphorbiaceae	5	0,1724	17,24
Melão são caetano	<i>Mormodica charantia</i> L.	Cucurbitaceae	1	0,0345	3,45
Murtinha do mato	<i>Myrcia cuprea</i> (Berg) Kiaerskou	Myrcia cuprea (Berg) Kiaerskou	2	0,0690	6,90

Nome popular	Nome científico	Família	Nº de citações	FUsp	FU (%)
Pau d'arco amarelo	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) Benth. & Hook.	Bignoniaceae	2	0,0690	6,90
Pau de cavalo	<i>Connarus angustifolium</i> (Radlkofer) G. Schellenb.	Connaraceae	27	0,9310	93,10
Pocoró	<i>Pogonophora schomburgiana</i> Miers ex Beuth	Euphorbiaceae	3	0,1034	10,34
Santo Antônio	Não identificada		1	0,0345	3,45
Sucuuba	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce ex Muell. Arg.) R. E. Wood	Apocynaceae	15	0,5172	51,72
Tapiririca	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Apocinaceae	1	0,0345	3,45
Tatajuba	Não identificada		2	0,0690	6,90
Tiriba	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess) Miers.	Lecythidaceae	1	0,0345	3,45
Umbura pé	Não identificada		1	0,0345	3,45
Unha de gato	<i>Machaerium ferox</i> (Marte x Benth.) Ducke	Fabaceae	12	0,4138	41,38
Ucuuba	<i>Virola surinamensis</i> (Rol.) Warb.	Miristicaceae	3	0,1034	10,34
Uxi	<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Cuatrec.	Humiriaceae	1	0,0345	3,45
Verônica	<i>Dalbergia monetaria</i> L. f. <i>Dalbergia ecastophylla</i> (L.) Taub.	Fabaceae	27	0,9310	93,10
Visgueiro	<i>Stryphnodendron purpureum</i> Ducke.	Mimoraceae	1	0,0345	3,45

Tabela 5 – Relação entre as categorias de afecções orgânicas, as espécies medicinais da capoeira como remédio e seus usos. Boa Esperança, São João de Pirabas/PA, 2005/2006.

Categorias	Espécies	Usos
Doenças do sistema nervoso	buiuçu mirim	Ansiedade, agitação, fraqueza
Doenças do aparelho digestivo	angelim pedra, sucuuba, pedra-ume-cao	Digestão, dor de estômago, dor de barriga, azia, mal-estar, fígado, ânsia de vômito
Doenças do aparelho respiratório	amapá, jutaí, pecaconha,	Gripe, resfriado
Doenças do aparelho circulatório	camembeca, massaranduba	Pressão alta, sangue grosso, hemorróida, limpar o sangue, hemorragia
Doenças do aparelho genitourinário	amapá	Diurético, inflamação dos ovários, útero, bexiga, urina, menstruação, menopausa
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	andiroba, pau japecanga	Coceiras, alergia, manchas
Doenças infecciosas e parasitárias	andiroba, andiroba jaruba, apio, sapucaia, copaíba, cururu timbó, jabutimuta, massaranduba, maravuvuia, rabo-de-raposa, sucuuba, tabacarana, açáí, cajuçara, tapirica, unha de gato	Vermes, infecção intestinal, diarreia, erisipela, fungo, amidalite, ameba
Doenças do sistema osteomuscular e tecido conjuntivo	andiroba, copaíba, jambuaçu, murure, sucuuba, amapá, capim açu, unha-de-gato	
Doenças fisiológicas	ajiru da praia, butarana, carucaá embaúba, murure, anuera, hepatite, pimentão do mato, cipó tiquire	Diabete, colesterol, hepatite, albumina, anemia
Traumatismo	andiroba, apuí, copaiba, caximguba, ceboleira, erva de passarinho, ingá, murtinha	Osso quebrado, golpe, baque, queimadura, ferrada de peixe
Dor de cabeça e inflamação	barbatimão, andiroba, copaíba, mucuracaá, pau de cavalo, pocoro, sucuriju, trevo cumaru, urubu-caá, unha de gato,	Sintoma de várias doenças

Observou-se que para o tratamento de doenças foi encontrado um maior número de plantas medicinais nos quintais, comparado àquelas encontradas nas capoeiras. (Tabelas 2 e 5). Assim como os quintais, as espécies medicinais encontradas nas capoeiras são utilizadas principalmente para as doenças infecciosas e parasitárias (Tabela 5). O expressivo uso de espécies para uso medicinal, em capoeiras da comunidade estudada, pode estar relacionado ao que foi citado por Freitas e Fernandes (2006), segundo os quais a maioria dos informantes da comunidade de enfarrusca afirmaram que nunca plantaram as espécies medicinais da capoeira, devido ao fácil acesso em conseguí-las.

Conclusões

O estudo demonstrou que o conhecimento dos entrevistados sobre a flora local se torna um patrimônio cultural, por ser um conhecimento advindo de outras gerações, possibilitando uma maior facilidade para a identificação de espécies medicinais, e, com isso, podendo ser utilizadas no tratamento das doenças mais comuns entre a comunidade.

Além disso, devem ser realizados estudos para a comprovação dos efeitos medicinais das espécies utilizadas como medicinal na comunidade, possibilitando o uso em programas de conservação de germoplasma *in situ*, processo importante para a conservação dos recursos genéticos dessas espécies.

Desse modo, é relevante a realização de mais estudos etnobotânicos que cataloguem o conhecimento associado ao uso das plantas medicinais em comunidades, visto que essa associação pode proporcionar elementos que são fundamentais para a conservação da biodiversidade e a manutenção da diversidade cultural.

Referências

Albuquerque UP, Lucena RFP. 2004. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica. 1 ed. Livro Rápido/NUPEEA. 184p.

Berg VME, Silva MHL. 1986a. Contribuição ao conhecimento da flora medicinal do Maranhão, p. 119-125. *In: Anais do I Simpósio do Trópico Úmido. Flora e-Floresta*, 493p.

Berg VMA, Silva MH. 1986b. Plantas medicinais do Amazonas, p. 127-133. *In: Anais do I Simpósio do Trópico Úmido. Flora e-Floresta*, 493p.

Cajaiba RL, Gomes AF, Santos MC, Medeiros RR, Silva WB. Perfil dos comerciantes de plantas medicinais no município de Uruará, Pará, Brasil. *Enciclopédia Biosfera*, 13(24): 1473-1482, 2016.

Conway G. The properties of agroecosystems. *Agricultural Systems, Essex*, 24(2): 95-117, 1987.

Cunningham AB. 2001. Etnobotânica aplicada. *In: Pueblos, uso de plantas silvestres y conservación. Nordan-Comunidad*. 310p.

Dário FR, Sandrini MP. Uso de espécies vegetais no tratamento e cura de doenças pelos indígenas tenharim na Amazônia. *Revista Geotemas*, 11: e02114-e02114, 2021.

Duarte GSD, Pasa MC. Agrobiodiversidade e a etnobotânica na comunidade São Benedito, Poconé, Mato Grosso, Brasil. *Interações (Campo Grande)*, 17: 247-256, 2016.

IBGE (Instituto brasileiro de geografia e estatística). São João de Pirabas/PA – IBGE – Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-joao-de-pirabas>>. (Acesso em: 13/05/22).

Ferreira MRC. Identificação e valorização das plantas medicinais de uma comunidade pesqueira do litoral paraense (Amazônia Brasileira). [Tese]. Belém: Universidade Federal do Pará; 2000. 259 f.

Freitas JC, Fernandes MEB. (2006). Uso de plantas medicinais pela comunidade de Enfarrusca, Bragança, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Ciências Naturais*, 1(3): 11-26, 2006.

Martín GJ. Etnobotânica. 2001. *Nordan-Comunidad*. 240p.

Muniz ALV, Silva MFF, Araújo ELS, Alvino FO. Dinâmica do Estrato Arbóreo de Florestas Secundárias no Nordeste do Pará (Bragança). *Revista Brasileira de Biociências*, 5(1): 603-605, 2007.

Nunes CF, Pasqual M, Santos DN, Custódio TN, Araujo AG. Diferentes suplementos no cultivo *in vitro* de embriões de pinhão-manso. *Pesquisa agropecuária brasileira*, 43(1): 9-14, 2008.

OMS (Organização Mundial de Saúde). Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. São Paulo: EDUSP, 1056p, 2000.

Oliveira DMS, Lucena EMP. O uso de plantas medicinais por moradores de Quixadá, Ceará. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 17(3): 407-412, 2015.

Pasa MC, Soares JN, Guarim NG. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio

- Aricá Açu/MT, Brasil). *Acta Botanica Brasilica*, 17(19): 195-207, 2005.
- Pedro FGG et al. Composição centesimal e mineral de plantas medicinais comercializadas no mercado do Porto de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 18(1): 297-306, 2016.
- Pereira MGS, Coelho FM. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. *Biota Amazônia (Biote Amazonie, Biota Amazonia, Amazonian Biota)*, 7(3): 57-68, 2017.
- Phillips O, Gentry AH. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. *Economic botany*, 47(1): 33-43, 1993.
- Polesi RG, Rolim R, Zanetti C, Sant'Anna V, Biondo E. Agrobiodiversidade e segurança alimentar no Vale do Taquari/RS: Plantas alimentícias não convencionais e frutas nativas. *Revista Científica Rural*, 19(2): 118-135, 2017.
- Santos JC. 1996. Análise da rentabilidade, sob condições de risco, de um sistema agroflorestal adotado por pequenos produtores de cacau na região da Transamazônica, Pará. Dissertação (Mestrado em Economia Rural). Universidade Federal do Ceará. 128p.
- Scardelato JA, Legramandi VHP, Sacramento LVS. Ocorrência de cristais em plantas medicinais utilizadas no tratamento da nefrolitíase: paradoxo? *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada*, 34(2): 161-168, 2013.
- Siqueira AB, Pereira SM. Abordagem etnobotânica no ensino de Biologia. *REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 31(2): 247-260, 2014.
- Sobrinho FAP, Guedes BRR, Christo AG. Uso de plantas medicinais no entorno da Reserva Biológica de Tinguá, Nova Iguaçu/RJ. *Revista Acadêmica de Ciências Agrária e Ambiental*, 9 (2): 195-206, 2017.
- Strachulski J, Floriani N. Conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico na comunidade rural de linha Criciumal, em cândido de Abreu/PR. *Revista Geografar*, 8(1): 125-153, 2013.
- Vieira LS. 1991. Manual da Medicina Popular, a Fitoterapia da Amazônia. Belém: FCAP Serviço de Documentação e Informação. 248p.

Biodiversidade Brasileira – BioBrasil.
Fluxo Contínuo
n.2, 2023

<http://www.icmbio.gov.br/revistaeletronica/index.php/BioBR>

Biodiversidade Brasileira é uma publicação eletrônica científica do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) que tem como objetivo fomentar a discussão e a disseminação de experiências em conservação e manejo, com foco em unidades de conservação e espécies ameaçadas.

ISSN: 2236-2886